

UMA CATEGORIA FLEXÍVEL OU A FLEXIBILIDADE DA CATEGORIA? AS EXPERIÊNCIAS DE CIENTISTAS SOCIAIS EM ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Rafaela da Cunha Pinto¹

**Entrevista com cientistas sociais: Nelissa Peralta, Josinaldo Aleixo de Sousa,
Fábio Abdala e Tânia Guimarães**

As entrevistas a seguir abordam as experiências profissionais de Cientistas Sociais em projetos de Organizações Não Governamentais (ONG) no contexto de desenvolvimento socioambiental da Amazônia. Foram questionados sobre a percepção do trabalho “social”, quais os fatores que contribuem para a inserção invisibilizada desse profissional, e quais os impactos dessa “não-profissionalização” do Cientista Social? Isto representa um antigo e atual dilema para profissionais da área.

Nelissa Peralta Bezerra é Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora Adjunta da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA, Campus Belém). Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Estadual do Pará (PPGICH-UEA); também atuou por quinze anos no

¹ Mestra em Agriculuras Amazônicas (Universidade Federal do Pará, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/4906499715439374>. Orcid não informado. E-mail: rafaela_cunha04@hotmail.com. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.

Instituto Mamirauá, no qual foi coordenadora do programa qualidade de vida dos ribeirinhos.

Josinaldo Sousa é Doutor pelo Instituto de Filosofia e Ciências sociais (IFCS-UFRJ), Atualmente faz parte do quadro de profissionais do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB). Possui uma longa trajetória entre ONGs e Instituições do Estado como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO). Há quinze anos trabalha com comunidades tradicionais da Amazônia.

Fábio Abdala é Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). É Mestre em Ciência Política e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Foi Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPA, e Pesquisador Visitante na Universidade da Flórida/EUA e do ICRA/Agropolis/França. Também atuou no Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Tem vasta experiência nas áreas responsabilidade ambiental corporativa, políticas públicas e sustentabilidade.

Tânia Guimarães Ribeiro é Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFPA . Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais da UFRJ . Atualmente é Professora Associada do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) e da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Núcleo de Pesquisa ACTA (Ação Pública, Território e Ambiente) – UFPA-CNPq.

1) Como foi a sua contratação para atuação em um projeto de cunho social? Era um projeto com vaga específica para sociólogo (a)? Quanto tempo atua ou atuou na organização?

Nelissa: Entrei em um projeto de turismo comunitário no Instituto Mamirauá, no Estado do Amazonas, foi minha primeira experiência profissional. Depois foram ocorrendo modificações e novas contratações, continuei atuando em outros programas, foram quinze anos de trabalho no Instituto.

Josinaldo: Eu comecei a partir dos anos 1980. Nessa época, saímos da faculdade e adentramos em movimentos sociais e ONGs. Atuei como consultor em vários lugares, inicialmente no Sudeste e agora estou trabalhando por quinze anos na Amazônia (Amazonas) com comunidades tradicionais.

Fábio: Minha formação acadêmica sempre foi nessa linha de pesquisa, meus objetos de pesquisa e atuação profissional sempre foram pautados na temática de conservação e governança ambiental. Então, a partir desses temas eu me candidatei para trabalhos em organizações com posições e ambições nesse sentido. Fui trabalhar no Governo do Amapá, em um programa de desenvolvimento sustentável, pautado na formulação de políticas de desenvolvimento sustentável e criação de unidades de conservação no estado. Em seguida no Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), com o objetivo de influenciar políticas públicas voltadas para o interesse de populações tradicionais extrativistas (Quebradeiras de coco, agricultor familiar etc.). Hoje, acredito, que estou dando minha contribuição como Cientista Social de forma mais forte, como executivo na gestão social e performance social, voltado para direitos humanos, como gerente regional de sustentabilidade da ALCOA (Empresa de mineração).

Tânia: Bem, em 1988 eu saí da graduação e conseguir uma posição em um projeto no Instituto de Estudos da Religião (ISER). Comecei em uma vaga de secretariado, mas não é essa secretária comum que conhecemos de outros espaços, em ONGs a secretária faz parte da execução dos projetos. Em seguida fui para a equipe de assessoria, no ISER. As questões de atuação são divididas por programas, eu entrei no programa de prostituição e direitos civis, atuei por cinco anos no ISER.

2) Você acha que há diferenças no desenvolvimento de projetos quando um(a) sociólogo(a) faz parte da equipe ou coordenação de projetos com comunidades? Quais são?

Nelissa: Sim, nesses projetos de conservação, geralmente tem muita gente das áreas biológicas, só que a conservação é feita por seres humanos. Então, tendo um profissional que entenda teoria e prática das relações sociais existe uma facilidade de execução. Além disso, aumenta a atenção na preocupação com os impactados, ficamos mais focados na perspectiva da comunidade local, nos colocamos na perspectiva do outro.

Os outros profissionais não são treinados para essa abordagem, existe muito etnocentrismo, eles demoram a entender a dinâmica local, Então, um Cientista social procura atuar com menos impactos para as comunidades, qualquer projeto que lida com socioambientalismo precisa de um Cientista social para promover resultados ancorados nas perspectivas e dinâmicas locais e promoção de empoderamento das comunidades nos processos de tomada de decisões.

Josinaldo: Faz diferença sim, porque o abrange a transdisciplinariedade. Além disso, em qualquer tipo de inserção social você está lidando com relações de poder. O Cientista Social por menor capacitado que seja, consegue ter uma visão ampla do conjunto dessas relações. O que favorece também sua atuação como facilitador de conflitos. Por exemplo, se você está numa ONG, com equipe multidisciplinar, tem três agrônomos, engenheiros de pesca etc., cada um deles atua nas suas especialidades apenas. Contudo eles precisam se comunicar, para atingir o resultado final do projeto. Ou seja, além do trabalho em si, existe a preocupação dentro da equipe, e o Cientista social consegue abraçar, porque a perspectiva desse profissional é transversal às questões específicas e pontuais, é com esse olhar que o Cientista Social percebe as relações de poder estabelecidas, e buscam soluções que perpassam pela continua comunicação interdisciplinar dos profissionais envolvidos no projeto. O olhar fora da caixa

pode ser interpretado como a habilidade de promover a articulação e mobilizar atores em processos comunicativos, isso é essencial para eficácia de execução de atividades.

O Cientista Social contribui com a equipe apresentando formas de entrar na sintonia das relações sociais, que sejam importantes ao projeto. Eu como sociólogo trabalhei metade da minha vida com o tema da agricultura familiar. É evidente, que eu não atuei com a *hard sciences* da agronomia, mas no trato com os agricultores as pessoas não sabiam se eu era da agronomia ou social, visto que fui desenvolvendo habilidades de diálogos com agricultores integrando ambas perspectivas. É comum que muitos projetos bem sucedidos, muitas vezes como experiências pontuais, acabam se tornando políticas públicas como estratégias de promover novos benefícios e ampliar a escala em diversos contextos socioculturais. Quando esses processos acontecem, tem sempre um Cientista Social atuando nessa promoção.

Um exemplo bem notório na Amazônia é o caso dos seringueiros que propuseram a política pública de criação de Reservas Extrativistas na Amazônia no final dos anos 1980 – A antropóloga Mary Allegretti participou ativamente assessorando o movimento social para consolidação de suas proposições. Até hoje o movimento social dos seringueiros da Amazônia tem assessoria permanente de cientista social, como por exemplo, o sociólogo Clodoaldo que trabalha como assessor do do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) em Manaus. Os Cientistas Sociais no processo de gestão promovem reflexões para de entender o todo mais que as partes. Contribuem também com processos políticos da instituição de dentro para fora e de fora para dentro, a gestão interna da equipe. Os Cientistas Sociais são formados para ver o todo, só quem treina esse olhar tem essa perspectiva.

Fábio: Numa Organização Civil ou sem fins lucrativos, o Cientista Social tem uma formação específica que vai contribuir para análise crítica que são específicas

das ciências sociais. Em minhas experiências com o Governo do Amapá, GTA e ALCOA, atuei como executivo e as ciências sociais me ajudaram na análise crítica e pensamento estratégico, assim como maior capacidade de analisar riscos e oportunidades. Porém, o executivo precisa dá um passo além do cientista, que é a aplicação e decisão porque lida com outros aspectos além da ciência.

Comparando com a área do meio ambiente, temos uma engenharia, de outras áreas que desenham aplicações. Nas ciências sociais isso não está *engenheirado*, mesmo nossas tecnologias sociais, são testadas e aferidas, mas com ferramentas de outras esferas como a da psicologia, pedagogia, ciências sociais aplicadas (serviço social, direito etc.). Contudo, essa capacidade executiva fica fortalecida com experiências sociais, faz diferença para um gestor social a formação em ciências sociais.

Tânia: A participação do Cientista Social é fundamental. No caso do ISER, a organização foi fundada por um antropólogo (Rubem César Fernandes). Então, ele tem essa visão da importância dos cientistas sociais, mas o que achava bom também é que a organização buscava profissionais de outros campos, como das engenharias. Quando eu estava trabalhando lá, por exemplo, conheci um engenheiro mecânico (trabalhava em outro programa), ele estudava a construção social dos carros alegóricos, ou seja, ele não estava preocupado apenas na mecânica do carro e sim na rede social organizada que possibilitava isso.

Bem, sobre os cientistas sociais, a diferença que fazem é a contextualização de forma mais ampla. Por exemplo, nesse período ainda era colocado nos editais, por isso nós utilizávamos, inclusive na Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), as prostitutas como grupo de risco, nós lutávamos contra esse rótulo. Nisto, entra o Cientista Social, porque apresentávamos o contexto – por que as prostitutas são grupos de risco? Não existe essa de grupo de risco, elas vendem sexo para inúmeras pessoas, inclusive as que não estão nos ditos grupos de risco, como os homens casados que levam para dentro das casas as doenças (se

forem infectados). Atualmente não existe mais essa categorização de grupo de risco, mas era muito utilizada para profissionais do sexo e homossexuais, os associando a propagação da AIDS.

Relacionando ao que trabalho atualmente, a questão ambiental, os cientistas sociais contribuem para ir a fundo em algumas questões. Por exemplo, na época da Rio92 existia aquela representação que todos estamos poluindo o planeta da mesma forma, mas como assim? O pequeno agricultor que faz a queima na roça polui da mesma forma que as grandes empresas? Eles causam o mesmo impacto das monoculturas? As monoculturas do dendê e soja devastam uma diversidade não apenas biológica, mas social, porque aquele agricultor, ribeirinho etc., ele vai saí dali, vai para cidade. Os saberes que eles possuem fazem parte de uma dinâmica, na qual é necessário estar na localidade, contribuindo para a conservação.

É por isso que é necessário o Cientista social, desmitificamos e traduzimos questões, como a noção de que até 2030 o planeta não poderá aumentar sua temperatura a 1,5°C. Aparentemente parece como algo longe e abstrato, cada um diz, mas o que eu tenho a ver com isso? Mas então, vamos explicando que essa mudança no clima afeta a vida cotidiana de todos, o que acontece é que os números não falam por si.

3) Identificando que, o Cientista social é invisibilizado enquanto categoria profissional que atua com as relações sociais advindas de projetos, quais fatores contribuem para este cenário?

Nelissa: Falta na formação uma colocação no mercado de trabalho, é necessário apresentar formatos de estágio de trabalho que insiram o Cientista Social em ONGs, empresas etc. No final a gente que acaba ocupando esses espaços. Então, através dos sindicatos dos sociólogos poderíamos trabalhar em projetos de lei, Por exemplo, para laudo antropológico, é apenas o profissional habilitado,

o antropólogo, quem pode realizar, então por que levantamento social pode ser qualquer pessoa? O sindicato poderia atuar mais nessa direção, assim como a própria universidade. O Bacharel não é valorizado, não existe perspectiva de mercado para quem não quer seguir em Pós-graduação, embora estejamos trabalhando em diversas frentes.

Josinaldo: Na maioria dos editais para contratação, geralmente eles pedem assim: contratação de profissional da área de biologia e afins, e da área de ciências humanas. Mas nas ONGs os Cientistas sociais têm bastante entrada, por exemplo, no IEB grande parte dos meus colegas de campo são sociólogos, de vez em quando tem geógrafo que trabalha com cadeia de valor também. No IBASE tinha bastante sociólogo, porque o Cientista Social é generoso, consegue perceber várias situações e cenários.

Fábio: Os Cientistas sociais muitas vezes estão muito mais motivados em fazer a análise crítica da sociedade e menos interessados em serem executivos. Nós temos uma tradição no Brasil de não fazer o capitalismo [trabalhar com empresas etc.]. Há um distanciamento ao aparelho do capitalismo, da geração de lucro, e isso é mutuo porque as empresas também não buscam esse profissional. Procuram mais as ciências sociais aplicadas [administração].

As empresas acabam improvisando profissionais para ocupar essas posições, porque é crescente, principalmente na Amazônia, cada vez mais as empresas são obrigadas a fazer a gestão social. Então elas precisam desse tipo de profissional. E essa gestão tem relação com a comunicação, com a cadeia de produção, os impactos do negócio etc.

A dimensão social está colocada e as empresas, tradicionalmente, improvisam essa dimensão e isso é contraproducente, porque é liderado por pessoas que não desenvolveram capacidades nessa área. Contudo, os profissionais de ciências sociais estão buscando cada vez mais esse engajamento. Na empresa

que atuo no Brasil, de cinco mil funcionários diretos e indiretos, 1% são de cientistas sociais [isso é um chute], já para as ciências sociais aplicadas aumenta o número, mas tem relação com o perfil da empresa que é de mineração. Acredito, que o nosso desafio é encontrar cada vez mais cientistas sociais que queiram ser executivos.

Tânia: São vários os fatores, não temos formação voltada para além da sala de aula, você tem essa opção de fazer mestrado e doutorado e voltar para a academia. A academia deveria se abrir mais para essa formação, fazer o que alguns sociólogos chamam de *Sociologia pública*², no qual Bourdieu era contra, mas no final ele se voltou à essa alternativa, assim como Florestan Fernandes. Enquanto membra da coordenação da faculdade, digo que refletimos sobre isso, elaboramos recentemente para o projeto pedagógico do curso laboratórios que abraçam essa questão. Também tenho um projeto de extensão voltado ao tema dos cientistas sociais como assessores do movimento social, porque o conhecimento sociológico tem que servir a esse fim, acredito que o Sociólogo é o profissional do futuro, ou tem que ser, porque ele entende de tudo um pouco, conversa com diversas áreas, é diverso.

REFLEXÕES E APONTAMENTOS

As entrevistas revelam o forte impacto de um profissional de ciências sociais em projetos que envolvem contato direto com a diversidade social. Nesse sentido, os entrevistados frisaram competências adquiridas na formação acadêmica que promovem a desnaturalização de situações, a contextualização de dados, a intercomunicação e mediação em conflitos.

² De acordo com Perlatto e Maia(2012) Sociologia pública foi um conceito propagado pelo sociólogo americano Michael Burawoy, no qual eles citam:“Nos termos de Burawoy, haveria duas grandes linhas de sociologia pública: na primeira, intitulada *tradicional*, o sociólogo se dirigiria ao grande público em artigos de jornais, editoriais, livros e revistas, preservando certa hierarquia comunicativa. No caso da sociologia pública *orgânica*, o sociólogo se engajaria mais decididamente com diversos públicos específicos, numa relação mais horizontal e de mão dupla, que permitisse o alargamento da experiência democrática na sociedade e na própria prática científica”.

Os entrevistados representam diferentes áreas e trajetórias, contudo ainda com as diferenças, é possível identificar a convergência de ideias no que concerne a participação do Cientista Social em Organizações não Governamentais.

Destacaram em suas falas a possibilidade de agregar outros profissionais, além de fortalecer a não legitimidade de visões eurocêntricas ou moralista sobre determinados grupos sociais.

Contudo, a Categoria profissional ainda segue desvalorizada, de acordo com a percepção dos entrevistados. Este fator é um reflexo de várias questões, dentre elas a própria formação voltada ao academicismo e não para a atuação, a falta de sensibilidade de organizações sobre a questão social e profissionais adequados, além dos próprios aparatos organizacionais dos profissionais que se encontram defasados ou não operam nessas situações, em sua grande maioria.

A Categoria profissional de Cientista Social abrange alguns profissionais de ciências humanas, porém a ênfase das entrevistas foram os (as) Sociólogos (as). De acordo com a Federação Nacional dos Sociólogo (a)s (FNS), a criação da profissão está subscrita na lei Lei nº 6.888 de 1980 e regulamentada no Decreto nº 89.531/1984, conforme estes documentos oficiais, o sociólogo (a) pode atuar em dez linhas de competência, que abrangem área ambiental, cultural, política, educação, saúde, dentre outras.

Nesse sentido, não há falta de leis ou regulamentações, a principal questão extrapola o sentido da profissão. Está relacionada a percepção sobre o que é o social, como dito nas entrevistas. Quando comparamos as áreas biológicas e sociais, podemos perceber que para a primeira é ofertado um espaço de *expertise*, enquanto a segunda está tomada de senso comum, naturalizações que não provem de pesquisa ou elaborações científicas, esse é um fator forte quando pensamos nos experimentos sociais, relações e seus impactos, portanto a estruturação da sociedade com base nesses tipos de reflexões, impactam

diretamente no não reconhecimento desse profissional, é preciso fortalecer as organizações que lutam pela ampliação de direitos da categoria, e assim realizar sensibilizações sobre a importância do Cientista Social, principalmente em um cenário nacional atual, de fragilização desse campo de atuação.

REFERÊNCIAS

Braga, Ruy & Santana, Marco A. (2009). Sociologia pública: engajamento e crítica social em debate. *Caderno CRH*, 22(56), 223-232.

Decreto nº 89.531, de 5 de abril de 1984. Regulamenta a Lei nº 6.888, de 10 de dezembro de 1980 (1980). Dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências. Recuperado em 12 julho, 2019 de: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-89531-5-abril-1984-439813-norma-pe.html>.

Lei nº 6.888, de 10 de dezembro de 1980(1980). Dispõe sobre o exercício da profissão de Sociólogo e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1980. Recuperado em 12 julho, 2019 de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L6888.htm.

Perlatto, Fernando & Maia, João M. (2012). Qual sociologia pública? Uma visão a partir da periferia. *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, 87, 83-112.

UMA CATEGORIA FLEXÍVEL OU A FLEXIBILIDADE DA CATEGORIA? AS EXPERIÊNCIAS DE CIENTISTAS SOCIAIS EM ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Resumo

O mundo do trabalho apresenta uma diversidade de contradições pertinentes ao sistema. Enquanto se luta por aspectos menos alienantes e problemáticos aos trabalhadores (as), também é necessária a organização para manutenção e ampliação de direitos enquanto categoria profissional. O Cientista Social apresenta-se como um profissional em constante questionamento sobre sua contribuição, ora como cientista, ora como crítico. Porém, é fato que este profissional está em diversos espaços, atuando no que tange a “parte social” de projetos com foco em grupos sociais. Como recorte metodológico, para esta publicação são analisadas as atividades colaborativas em organizações não governamentais(ONG). O Cientista Social do futuro precisa identificar o mercado e a sua contribuição profissional, mas como fazer isso? As entrevistas apresentam trajetórias de Cientistas Sociais, atuantes em diversos contextos na região Amazônica, e seus pontos de vista sobre essa categoria profissional e suas contribuições para projetos que valorizam questões de direitos humanos e socioambientais na região.

Palavras-chave

Cientistas sociais. Sociologia. Mercado de trabalho. ONG.

¿UNA CATEGORÍA FLEXIBLE O LA FLEXIBILIDAD DE LA CATEGORÍA? LAS EXPERIENCIAS DE LOS CIENTÍFICOS SOCIALES EN ORGANIZACIONES NO GUBERNAMENTALES

Resumen

El mundo del trabajo presenta una diversidad de contradicciones pertinentes al sistema. Mientras se lucha por aspectos menos alienantes y problemáticos para los trabajadores, también es necesario organizarse para el mantenimiento y la ampliación de los derechos como categoría profesional. El científico social se presenta como un profesional que cuestiona constantemente su contribución, como científico y como crítico. Sin embargo, es un hecho que este profesional se encuentra en diversos espacios, trabajando en la "parte social" de proyectos enfocados a grupos sociales. Como enfoque metodológico, para esta publicación se analizan las actividades de colaboración en organizaciones no gubernamentales (ONG). El Científico Social del futuro necesita identificar el mercado y su contribución profesional, pero ¿cómo hacerlo? Las entrevistas presentan trayectorias de Científicos Sociales, actuantes en diversos contextos en la región amazónica, y sus visiones sobre esta categoría profesional y sus contribuciones a proyectos que valorizan los derechos humanos y las cuestiones socioambientales en la región.

Palabras clave

Científicos Sociales. Sociología. Mercado de Trabajo. ONGS.

FLEXIBLE CATEGORY OR THE FLEXIBILITY OF THE CATEGORY? THE EXPERIENCES OF SOCIAL SCIENTISTS IN NON-GOVERNMENTAL ORGANIZATIONS

Abstract

The world of work presents a diversity of contradictions pertinent to the system. While workers struggle for less alienating and problematic aspects, it is also necessary to organize for the maintenance and expansion of rights as a professional category. The social scientist is a professional who is constantly questioning his contribution, both as a scientist and as a critic. However, it is a fact that this professional is in several spaces, working on the "social part" of projects focused on social groups. As a methodological approach, this publication analyzes collaborative activities in non-governmental organizations (NGOs). The Social Scientist of the future needs to identify the market and his/her professional contribution, but how to do this? The interviews present trajectories of Social Scientists, active in various contexts in the Amazon region, and their views on this professional category and their contributions to projects that value human rights and socio-environmental issues in the region.

Keywords

Social scientists. Sociology. Labor market. NGOS.

CONTRIBUIÇÃO

Rafaela da Cunha Pinto

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Pinto, Rafaela C. (2023). Uma categoria flexível ou a flexibilidade da categoria? As experiências de cientistas sociais em organizações não governamentais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(27), 159-173.